

## A literatura de Luís Cardoso e o processo de construção identitária no Timor Leste

Priscilla Oliveira Ferreira<sup>1</sup>

### Introdução

O objetivo deste estudo é propor alguns questionamentos sobre o papel da literatura na construção da identidade do Timor Leste, país que conquista sua independência política apenas no início deste século. O escritor Luís Cardoso é considerado o primeiro romancista timorense (e até hoje, um dos únicos). A história, a cultura e a tradição da ex-colônia portuguesa estão presentes em suas obras, mas o pioneirismo de Luís Cardoso vai além das narrativas, em seus textos, é o olhar nativo visto de fora. O escritor estudava em Portugal no momento da invasão indonésia, em 1975, e ficou exilado da sua terra natal por quase 30 anos. Toda sua obra é produzida neste *entre-lugar*, nesta zona fronteiriça, como chamam os teóricos pós-coloniais. Sua obra dialoga com o tempo todo com a tradição local e a cultura globalizada. São os costumes timorenses, mas as formas narrativas são pós-modernas, dialógicas e intertextuais. Como então, um país de tradição oral, sem registros literários escritos, passa a ter como literatura textos tão cosmopolitas? Se as identidades nacionais são construídas, como a obra de Luís Cardoso pode ajudar na construção da identidade timorense?

### O escritor timorense Luís Cardoso

O escritor timorense Luís Cardoso ainda é pouco conhecido no Brasil. Apesar de estar a terminar seu sexto romance, só um de seus livros foi publicado até agora no país. Até mesmo no Timor Leste, sua terra natal, o escritor encontra dificuldades para divulgar seu trabalho, já que apenas uma pequena parcela da população domina o português, apesar de este ser o idioma oficial da nova

---

<sup>1</sup>Professora e Coordenadora do curso de Letras - UNICNEC

nação. Apesar disso, Cardoso é considerado o primeiro romancista do Timor Leste (e até hoje um dos únicos), contudo, refuta essa característica heróica de sua entrega pessoal à literatura. Não gosta do título de "romancista do Timor", que já lhe foi concedido tantas vezes. Diz que apenas escreve para contar histórias.

Vivendo no exílio desde 1975, Cardoso estreia na literatura em 1997, quando o Timor Leste ainda estava sob o domínio indonésio. Cronista e contador de histórias, aceitou o desafio de transpor para o papel suas narrativas depois de ser incentivado pelo então colega de faculdade, o escritor angolano José Eduardo Agualusa – autor de livros como *O Vendedor de Passados* (2004) e *As Mulheres de Meu Pai* (2007), além de um dos sócios da Editora Língua Geral (especializada em autores lusófonos). Impressionado não apenas com as histórias que o amigo contava sobre sua terra natal, mas também com a forma com que narrava, Agualusa encorajou-o a escrever. Cardoso tomou coragem e nunca mais parou. Hoje está finalizando seu quinto romance.

### **A importância da obra literária de Cardoso**

Seu primeiro livro, *Crônica de uma Travessia* (1997), é um romance de memórias, assumidamente autobiográfico, mas não escrito em tom confessional. O escritor parte das suas lembranças para apresentar a história do seu país. Através das suas experiências revela histórias que são também de outros timorenses. Conta sobre sua infância e adolescência no Timor português, mas também fala sobre sua militância no exílio pelo direito de autodeterminação do povo timorense. Pois o escritor, mesmo distante de sua terra, participou de atividades contra a ocupação da Indonésia. Além de representante do Conselho Nacional de Resistência Maubere, contava histórias timorenses, escrevia crônicas para o jornal Fórum Estudante e também dava aulas de tétum e língua portuguesa para outros timorenses em diáspora.

Seria o único livro da minha vida. Foi quase como tentar explicar um

bocado de Timor para as outras pessoas através da literatura, sem ser através da política. Na altura, eu desenhava um papel político pelo Timor, era o representante da resistência timorense em Portugal. Portanto, era um complemento do meu trabalho político explicar um outro Timor às pessoas, sobre seus mitos, seus ritos, sua história, sobre as travessias. E podendo começar por contar através de uma história pessoal, que era a minha.<sup>2</sup>

Depois deste primeiro livro, Cardoso escreveu outros dois, formando uma trilogia. *Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo* (2001), é o segundo romance, definido pelo autor como “uma parábola sobre a história de Timor sob o olhar de uma mulher”. Nesta obra, o diálogo com a História não é tão explícito como no anterior, mas também encontramos referências ao Timor e sua trajetória. A narrativa termina justamente em 1974, quando termina também o império português. O saber ancestral, tão valorizado na cultura timorense, também recebe destaque nesta obra, onde o real e o fantástico dividem o mesmo plano.

Em 2003, Cardoso publica *A Última morte do Coronel Santiago*, obra que encerra a trilogia. Diferente dos primeiros romances, este é narrado em terceira pessoa, porém, o personagem principal é uma espécie de alter-ego do autor. Outra característica que diferencia esta produção das anteriores é que neste o escritor experimenta mais, explora mais recursos como a intertextualidade e o diálogo com outras obras e personagens. Sua escrita está mais solta, mais leve e permeada de jogos de palavras, repetições, paródias e ironias. O romance mistura os aspectos da cultura timorense com um universo cosmopolita e globalizado - coerente com a experiência de vida do autor, que também transita entre estes dois universos: a tradição e a modernidade.

Em 2010, a editora Língua Geral lançou no Brasil a publicação mais recente de Luís Cardoso: *Réquiem para o Navegador Solitário* (editado em Portugal em 2007). A história gira em torno de Catarina, estrangeira como tantos outros, que chega ao Timor em busca do seu príncipe encantado, mas que só encontra desencantos. O destino da fictícia Catarina cruza-se com o de um

<sup>2</sup> Trecho de entrevista do escritor concedida à Sissa Frota, disponível em: <http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=4576>. Último acesso em: 14 de out. 2011.

personagem real retratado no romance: o navegador Alain Gerbault - famoso por ter realizado sozinho, no início do século passado, uma viagem de circunavegação. Gerbault aportou no Timor em busca de abrigo e em 1941, morreu em Díli, atual capital do país - e a presença do navegador do país é aproveitada como matéria romanesca. A pequena ilha do Pacífico é também uma personagem importante deste romance, que retrata os diversos conflitos naquele território, principalmente entre os que chegam e os que já estão na região.

Seu mais recente romance, lançado em Portugal em março de 2013, é *O Ano em que Pigafeta completou a Circum-navegação*. A narradora do seu quinto livro é, não por acaso, o pé esquerdo de um par de sandálias, justamente o pé do “lado do coração”, que em diversos momentos discorda do outro pé, o do “lado da razão”. Mas a sandália é apenas o fio condutor de várias histórias, são estes enredos que mostram o dilema dos personagens durante o tempo da ocupação indonésia até a independência. O livro destaca-se por dar voz a todos os envolvidos, os que lutaram contra a integração, os que apoiaram os indonésios, os que lutaram para simplesmente continuar vivendo durante o período. Sem fazer julgamentos, Cardoso apenas retrata vários personagens e seus dramas. O livro retrata um momento histórico do Timor Leste que até então não tinha sido explorado diretamente pelo autor: a invasão indonésia.

Durante a ocupação indonésia, que durou longos 24 anos (1975 - 1999), o país enfrentou uma violenta guerra civil (durante a ocupação, estima-se que um terço da população tenha sido exterminada). Mas o cenário já era árduo desde os tempos coloniais, Portugal não investia em terras tão distantes.

Durante a ocupação indonésia, “as marcas culturais do colonizador terminaram objeto de requalificação positiva”, assim como o catolicismo, a língua portuguesa também exerceu seu papel durante a resistência. Tradicionalmente, era o idioma dos segmentos instruídos e das camadas urbanocristianizadas do

país. Foi a língua utilizada tanto nos informes da resistência como nos contatos com o mundo (cf. WALDMAN, 1997). No período em que os indonésios estiveram no Timor, os professores de português foram mortos e as escolas queimadas, minando, com isso, o uso da língua portuguesa, que continuava a ser ensinada apenas na clandestinidade.

Nascido em Cailaco, região próxima à fronteira com o Timor Ocidental (Loro Mono), em 1958, Luís Cardoso Noronha cresceu em uma colônia portuguesa. Desde cedo o hibridismo cultural fez parte da sua vida: vivia cercado de influências da metrópole e imerso na cultura local. Dentro de casa, convivia com o multilinguismo do território, já que seu pai era falante nativo de um dialeto e sua mãe de outro. Para se comunicar, a família adotou o tétum, língua popular falada pela maioria dos timorenses. Quando foi para a escola, Cardoso foi alfabetizado em português “se tivesse escrito primeiro em tétum, faria o resto da minha vida através do tétum, mas o momento em que me vi a escrever foi em português. Depois, obviamente passou a ser uma escolha”<sup>3</sup>, explica escritor.

Luís Cardoso, para agradar ao pai, entrou no seminário - uma das poucas chances de ascensão social na colônia. Depois de quatro anos, foi dispensado, para decepção da família. Mas ainda havia uma outra alternativa para sair da miséria: conseguir uma bolsa de estudos em Portugal. Muitos timorenses iam estudar na metrópole e, na volta, trabalhavam em cargos administrativos. Luís Cardoso foi então contemplado com esta oportunidade e embarcou para Lisboa, porém, o sonho tornou-se pesadelo: Timor Leste foi invadido pela Indonésia e ele ficou mais de 30 anos sem voltar a sua terra natal, vivendo no exílio.

É na diáspora que Luís Cardoso escreve seus primeiros textos, longe de casa,

---

<sup>3</sup> Fragmento de uma declaração do escritor para o jornalista Pedro Rosa Mendes, da agência Lusa, em Díli. Disponível em: <http://www.gforum.tv/board/1279/201046/um-dia-os-timorenses-vao-descobrir-me-diz-escritor-luis-cardoso.html>. Último acesso em 3 out. 2011.

vivendo em país e dentro de uma coletividade, mas, como diz Robin Cohen “com o olhar sempre perfurando o tempo e o espaço à procura de um outro país ou lugar” (apud SANTOS, 2006, p.240). E suas obras revelam este olhar, em suas escritas Cardoso faz uso de suas vivências e memórias e também dos seus conhecimentos sobre os mitos e costumes do seu povo. A História da sua terra natal está lá, mas não podemos esquecer que a voz que narra está permeada de outras influências, outras culturas, outros tempos.

O exílio, como diz Edward Saïd, “nos compele a pensar sobre ele, mas é terrível de experimentar” (2003, p.46). Saïd, baseado em suas experiências de exílio, afirma ainda que “ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (2003, p.46). Impedido de voltar para sua terra natal, o escritor acabou se reunindo com outros exilados e participando de movimentos em prol da preservação da cultura malbere, desenvolveu atividades políticas pró-Timor, mas sempre fora do lugar.

Chegamos ao nacionalismo e a sua associação essencial ao exílio. O nacionalismo é uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. [...] O nacionalismo triunfante justifica então, tanto em retrospectiva como prospectivamente, uma história amarrada de modo seletivo numa forma narrativa: todos os nacionalismos têm seus pais fundadores, seus textos básicos, quase religiosos, uma retórica do pertencer, marcos históricos e geográficos, inimigos e heróis oficiais. (SAÏD, 2003, p. 47).

É importante levar em conta o contexto de produção de seus primeiros textos, pois morar em Lisboa ainda não era uma questão de escolha para Luís Cardoso. Convém também não esquecer que o Timor Leste ainda estava em guerra e não era uma nação. E hoje é ainda uma nação em construção.

Se por quase 30 anos Luís Cardoso não pode voltar ao seu país, morar em Lisboa hoje é uma opção. Ou seja, se por anos e anos Cardoso foi obrigado a estar fora do “seu” lugar, agora ele vive em um lugar que ele elegeu como “seu”:

Libertada a Pátria, libertei-me da Pátria. Sou um homem livre, sem que, contudo, tenha abdicado da minha identidade timorense. Timor hoje é um país independente, onde há democracia e os cidadãos são livres de escolherem o que pretendem fazer das suas vidas. Alguns dos meus colegas dos anos da Resistência elegeram a política como actividade principal das suas vidas. Eu escolhi a literatura e viver fora do meu país foi uma opção, como a de muitos brasileiros que vivem na Europa, nos Estados Unidos ou na África. Ser cidadão de um país não quer dizer que se tenha de viver amarrado a um território.<sup>4</sup>

Ou seja, não importa em que local ele resida, se no Timor ou se em Portugal, seu imaginário é sem fronteiras. E é uma opção também do escritor retratar em seus textos a cultura timorense e o próprio território onde viveu sua infância. Mas o Timor retratado nos seus livros não é este país que recém conquistou sua independência política. Afinal, não é neste Timor Leste que o autor viveu. Mas seus textos estão permeados de referências e histórias do povo timorense, mas que povo é este? Que país é este que conquista sua independência em pleno século XXI? Através da obra de Luís Cardoso, podemos entender um pouco mais sobre a trajetória desta brava gente e conhecer um pouco mais sobre a sua cultura.

O pai de Luís Cardoso era enfermeiro contratado pela metrópole e, de acordo com os interesses (ou as necessidades) da pátria-mãe, era deslocado com a família para diferentes regiões. Esse fato permitiu que o escritor convivesse com diferentes culturas e costumes, tivesse acesso a vários idiomas e, principalmente, permitiu que ouvisse diversas histórias. Não podemos esquecer que estamos falando de um povo de forte tradição oral, onde a figura do contador de histórias é muito importante para a transmissão de conhecimentos, como explica o escritor, ele “além de contar a sua própria vida, o seu quotidiano e os seus mitos, vai criando outras estórias”<sup>5</sup>.

Apesar de ser de uma família pobre, Cardoso conviveu também com crianças

<sup>4</sup> Trecho de entrevista concedida a Zema Ribeiro. Disponível em: <http://zemaribeiro.wordpress.com/2011/09/14/ficcao-e-realidade-em-corda-bamba-sobre-o-oceano>. Último acesso em 15 out. 2011.

<sup>5</sup> Fragmento de entrevista concedida por Luís Cardoso em 21 de março de 1998. Disponível em: [http://www.sudoestealentejano.com/literatura/paginas/luis\\_cardoso.htm](http://www.sudoestealentejano.com/literatura/paginas/luis_cardoso.htm), Último acesso em: 12 nov. 2010

da elite colonizadora. Em uma época que havia pouquíssimas escolas e o acesso ao ensino era difícil, seus pais se esforçaram para que conseguisse estudar. No seminário, e depois no liceu, conviveu com os “bons malandros”, jovens que não concordavam com a situação da colônia e que após o 25 de Abril desempenharam importantes papéis no desenrolar dos acontecimentos.

O Timor Leste é uma nação que está em processo de reconstrução. O país não só conquistou sua independência tardiamente como foi destruído, literalmente, quando os indonésios deixaram o território em 1999. Mas o Timor Leste sempre uma babel de línguas, crenças e tribos. Como diz o próprio Luís Cardoso: “Timor é um conjunto de várias nacionalidades.”<sup>6</sup>

Ao analisarmos a obra de Luís Cardoso, não podemos esquecer que ele, assim como todos nós, vive este momento de inquietude e instabilidade, de tantas incertezas, de relacionamentos precários, onde até mesmo os valores morais são questionados. Vivemos numa sociedade que não é unitária, vivemos imersos nesta modernidade líquida (BAUMANN, 1998), em tempos de globalização, de multiculturalização, de quebras de paradigmas, tempos de indefinições, de desterritorialização, na cultura do nomadismo (MAFESSOLI, 2001). Neste contexto de deslocamentos, cruzamentos e travessias, as narrativas de Cardoso recebem diversas influências, tanto regionais como universais. A questão é, seria possível pensar em obras literárias produzidas hoje em esse diálogo entre a cultura local e mundo globalizado não esteja presente?

Outra questão intrínseca à literatura é a questão da identidade. Mas, afinal, o que é podemos considerar como identidade nos dias de hoje? Neste início de século, com o fim do conceito universal de nação e a divisão do mundo em blocos supranacionais, entra em crise também o conceito de cultura nacional e, com isso, a questão da identidade cultural também.

<sup>6</sup> Trecho de entrevista do escritor concedida à Sissa Frota, disponível em: <http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=4576>. Último acesso em: 14 de out. 2011



(...) as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*. [...] Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. (HALL, 2003, grifo do autor).

Se a identidade de uma não nasce pronta, precisa ser formada e transformada, como diz Hall, uma nação que se torna independente também precisa formar e definir questões identitárias. Ainda mais se essa nação ainda está em processo de (re)construção. É possível considerar, portanto, que a literatura desempenhe importante papel nesta formação.

[...] quando falamos de Timor, falamos de grupos diferentes que convivem num mesmo espaço territorial que se chama Timor-Leste. Temos que mostrar isso, que é possível essa convivência dos povos – que muitas vezes também torna-se violenta, como nos últimos tempos –, mas que é possível. Temos que mostrar essa diversidade cultural, étnica e linguística para mostrar que Timor é tudo isso, essa amálgama toda. E mostrar que é possível essa amálgama tornar-se um País, um Estado, uma Nação.<sup>7</sup>

Uma das principais fontes de identidade cultural do homem moderno, segundo Stuart Hall (2003), é a questão da identidade nacional, por isso um país em formação não pode ignorar esta questão. E é preciso também que outras vozes literárias surjam e ganhem espaço. É preciso também que outros leitores sejam formados, para que estas vozes possam ser ouvidas.

Existe uma literatura oral timorense muito preponderante, muito forte. Só que é preciso trazer essa literatura oral para a literatura escrita, e isso quem faz precisamente são os escritores. Eu faço da minha forma, da minha maneira. Agora, existem outros escritores, mas, sobretudo na área de poesia. É preciso que os timorenses, a todo momento, decidam fazer isso. Eu decidi fazer. Não sei o que é que pode acontecer, mas é preciso fazer. Depois veremos qual é o resultado.<sup>8</sup>

Stuart Hall, ao analisar os impactos da globalização moderna sobre as identidades nacionais, levanta três hipóteses possíveis: a primeira seria a homogeneização da cultura e desaparecimento das identidades nacionais; a segunda o fortalecimento de identidades locais ou regionais, como resistência

<sup>7</sup> Trecho de entrevista do escritor concedida à Sissa Frota, disponível em: <http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=4576>. Último acesso em: 14 de out. 2011

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*.

à globalização; e, por último, a hipótese do surgimento de novas identidades híbridas, em substituição às identidades nacionais. No caso do Timor Leste, sempre culturalmente tão híbrido, é possível que a terceira hipótese seja a mais plausível, mas ainda é cedo para avaliar, já que o processo de consolidação de uma identidade está em fase embrionária.

Muitos pensadores sequer consideram a hipótese da globalização extinguir com a diversidade cultural, como é o caso do historiador Jocelyn Létourneau:

O desejo da maioria dos indivíduos é o de voltar às culturas de que são herdeiros para redefini-las com base em uma espécie de alteridade refletida, isto é, com base em uma vontade de reconhecer o Outro em Si sem necessariamente ter que se tornar o outro. (apud BERND, 2003).

Hall considera como a hipótese mais plausível neste contexto que vivemos é que surjam “simultaneamente, novas identificações ‘globais’ e novas identificações ‘locais’” (grifo do autor). A terceira via é uma possibilidade que deve ser levada em conta, não podemos, como diz Hall, pensar que as questões de identidade ficarão restritas apenas entre as duas possibilidades: retornar as suas raízes, ou desaparecer através da homogeneização.

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que tiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado. [...] As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia. (HALL, 2003, p. 88-9, grifo do autor).

O Timor Leste, apesar de ser um território tão pequeno, com apenas 15 mil km<sup>2</sup>, ou seja, menor que Sergipe, o menor Estado brasileiro, sempre conviveu com grandes diferenças culturais. Ou seja, não há uma única cultura local que possa ser mesclada com uma cultura global. A geografia local contribui para a manutenção dessas diversas culturas. Os grupos étnicos viviam isolados por conta de um relevo acidentado, dividido por uma imponente cadeia montanhosa e cercado por uma extensa planície litorânea. Tanto é que até hoje não existe um tipo timorense homogêneo, antes mesmo da chegada dos

colonizadores os habitantes diferiam entre si, não só física como culturalmente.

A diversidade ambiental foi mantida durante a maior parte da história de Timor. Ela se confundia com a divisão do território em “sucos”, denominação para os “reinos” do Timor pré-colonial, organizações político-sociais com chefes denominados “liurais”. As populações tradicionais na ilha mantiveram em larga medida uma relação harmoniosa com a natureza, fortalecendo uma tendência para a grande heterogeneidade da sociedade timorese tradicional, também denominada maubere (WALDMAN,1997, p.29).

A ex-colônia portuguesa sempre foi dividida em grupos etno-linguísticos. Durante a colonização, Portugal não tinha condições nem interesse em homogeneizar a população. Ao contrário, usou essa diversidade para consolidar e afiançar seu domínio. Segundo levantamento por Lutz (cf. WALDMAN,1997), em 1995, os mauberes se expressavam em 12 línguas e 35 dialetos e usavam o tétum como língua comum. A colonização portuguesa deixou poucas marcas no território, não conseguiu unificar a população nem mesmo através do idioma, ainda hoje falado por uma minoria.

Como estamos falando de uma ex-colônia, nada mais natural que recorrermos aos estudos pós-coloniais, tão fundamentais quanto às teorias pós-modernos para analisarmos a obra de um escritor nascido e criado numa colônia, há muitos anos estabelecido na metrópole. Um único campo não é suficiente para abarcar obras de características tão marcantes e atuais, não podemos nos deter apenas nos aspectos políticos da escritura de resistência dos marginalizados (que vivem nas margens), nem focar apenas nas características estéticas das ficções contemporâneas. É preciso levar em conta a complexidade e a variedade da escritura pós-colonial e, ao mesmo tempo, avaliar os recursos literários utilizados pelo autor.

Ciente de que “o pós-moderno é visto como um discurso imperialista, neo-universalista e eurocêntrico”, Eloína Prati dos Santos (1997, p.32) chama atenção para os estudos de Linda Hutcheon sobre as coincidências formais, estéticas e estratégicas entre os dois discursos.

Formas incrustadas na literatura latino-americana como o realismo mágico ou o novo realismo da literatura africana têm sido destacadas pelos críticos como um dos pontos de coincidência do pós-moderno e do pós-colonial devido à sua ênfase no localizado, politizado e, inevitavelmente, historizado. Hutcheon também sugere que a arte pós-moderna tem procurado, autoconscientemente e na maioria das vezes parodicamente, reconstruir suas relações com o que precedeu como uma forma de lidar com o peso opressivo da história colonial sobre os discursos e a experiência nativa. (SANTOS, 1997, p.34).

Os estudos pós-coloniais também preconizam um olhar diferente para os produtos das margens, para a voz daqueles que são marginalizados. Ou seja, propõe fugir do eurocentrismo e analisar também o que é produzido hoje tanto nas ex-colônias como no que chamamos aqui de entre-lugar, que seria esse além definido por Bhabha como espaço intermediário, em trânsito, “nem um novo horizonte, nem um abandono do passado” (1998, p.19). Ou seja, temos que analisar e levar em conta tanto o que é produzido hoje nas ex-colônias como o que é produzido sobre elas, em outros lugares. É ouvir a voz do colonizado, esteja ele onde estiver, como é o caso do Luís Cardoso, pois mesmo vivendo há tanto tempo em Lisboa, não deixa de ser timorense, não deixa de ter vivido numa terra colonial, tendo uma cultura que não a sua como dominante. E, como ele mesmo afirma, talvez só tenha conseguido escrever por estar neste espaço, pois se estivesse em seu território, estaria ocupado demais na luta pela liberdade.

Uma das figuras símbolos deste entre-lugar é o migrante, pois sua produção cultural é sempre híbrida ou transcultural e lida com dois horizontes culturais: “um vaivém entre as duas heranças, que gera uma escritura e uma proposta identitária situadas num entre-lugar, construído a partir do olhar voltado para uma e outra margem” (HANCIAU, 2003, p.111). Como diz Bhabha, que viveu a experiência da migração, esses entre-lugares, produzidos na articulação das diferenças culturais, dão início a novos signos de identidade. Ainda sobre esses embates culturais, afirma:

A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em

andamento, que procura conferir autoridade aos híbridos culturais que emergem em momentos de transformação história. (1998, p.20, grifo do autor)

Os romances de Luís Cardoso são heterogêneo, plural e híbrido. Sua escrita extrapola os limites formais e contedísticos tradicionais, traz também em suas obras marcas da oralidade. O romancista timorense faz uso ainda de recursos como ironia, paródia e intertextualidade, como formas de transgressão. Dialoga não apenas com a tradição cultural da sua terra natal como faz inúmeras referências ao universo pop contemporâneo. A intertextualidade, nesse caso, vai além da fragmentação do texto e da justaposição dos gêneros, ela permite “o diálogo constante dentro de um jogo irônico, no qual se subverte não só o gênero adicional parodiado, mas o próprio gênero popular ou não-literário contamina a narrativa” (CUNHA, 1998, p.240, grifo do autor).

Na literatura pós-colonial, muitos autores recorrem aos mitos e às lendas que fazem parte da história da jovem nação para dar continuidade ao processo identitário. Afinal, como afirma Bach (2006, p.29), “toda a história da humanidade é permeada por narrações orais que, de alguma forma, ensinavam ou mostravam determinados comportamentos aceitos dentro da comunidade.” A criação de uma nação, segundo Bach, está diretamente ligada a esses mitos, histórias e lendas, que serviam de base de sustentação para a construção de uma história maior. “Os mitos são histórias divertidas. Seu objetivo é ensinar por meio da reiteração sem fim de sua mensagem: um tipo de mensagem que os ouvintes só podem esquecer ou negligenciar se quiserem.” (BAUMAN, 2003, p.14 apud BACH, 2006, p.29).

A forma do pensamento mitológico, que transforma a realidade em metáfora, é recorrente na obra de Luis Cardoso. Como diz Tutikian (2006, p.133), “as verdades do mundo são marcadas e dirigidas por forças não humanas.”, e tomando o pensamento de Ernest Cassirer (1959), diz ainda “que o sentido mítico do tempo é qualitativo e concreto como o sentido de espaço”.

Em seus romances, Luís Cardoso dialoga com a tradição da ex-colônia, inserindo em suas narrativas vários elementos culturais. Como exemplo, podemos citar a Pontiana, “uma das figuras mais frequentes no universo fantástico timorense” (ESPERANÇA, 2003, p.22), que aparece em mais de um romance. Em Crônicas de um Travessia, uma das referências é feita através do personagem Mali Mau:

- Quando a minha mãe estava grávida de mim dizia que queria um futuro afortunado para o filho. Procurou saber, junto de gente abastada, a origem da fortuna, mas só lhe responderam com fatos consumados, como heranças ou dons naturais, algo que ela logo desistiu. Até que um dia lhe apareceu uma velha que lhe disse que seria possível, caso fosse bafejada pela sorte, ter um encontro fortuito com o espírito da sedução, a Pontiana. Não acreditando no acaso, ela municiou-se para o efeito. Todas as noites se sentava em frente de casa junto do velho gondoeiro onde supunha que a dita habitava. Armadilhou-se com cheiro de flores e perfume de sândalo ao mesmo tempo que deixava a panela de barro cheia de água para a atrair como um espelho. Achava que, petulante, como todas as sedutoras são, ela haveria de vir reclinar-se na panela para se olhar e lavar o rosto antes de ir enfeitar-se para seduzir os mancebos errantes. (CARDOSO, 1997, p. 136).

Em A Última Morte do Coronel Santiago, a Pontiana surge como “sombra” do protagonista: “Provavelmente a mulher com rosto de atriz de cinema fora encomendada para ser a sombra dele. Mas a ideia de ser morto por uma mulher era tão sedutora quanto romântica. A Pontiana que durante a adolescência procurou sem sucesso colava-se à sua pele.” (CARDOSO, 2003, p.93). Essa mulher, “por quem os jovens mancebos suspiravam um dia ter um encontro que os iniciasse nos meandros dos feitiços e da sedução” (CARDOSO, 2003, p.70) é também a personagem do seu terceiro romance, que neste retorna para atraí-lo de volta ao Timor, fazendo “com que todas as mulheres que passassem pela sua vida, a partir de então, tivessem como missão trazê-lo de volta. Uma espécie de vingança: “desta vez, caíste no meu enredo” (CARDOSO, 2003, p.292).

A construção da identidade é um processo contínuo e ininterrupto, como já dissemos. Num mundo dilacerado e fragmentado, é necessário que o sujeito esteja constantemente se adaptando a novos contextos, novas mudanças,

novos caminhos. E uma nação que se torna independente neste contexto dito pós-moderno? Como se dá o processo de (re)construção da identidade de um povo em pleno século XXI? Certamente a literatura terá seu papel neste processo constante e dinâmico. Em um país de forte tradição oral, é chegada a hora desta tradição ter seu registro, para que outras gerações também possam ter acesso e seguir na construção identitária.

## Referências

ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética (A teoria do Romance)**. São Paulo: Unesp, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BERND, Zilá; GRANDIS, Rita (Orgs.). **Imprevisíveis Américas: questões de hibridação cultural nas Américas**. Porto Alegre: Sagra-DCLuzzatto; ABECON, 1995.

\_\_\_\_\_; UTÉZA, Francis (Orgs.). **Produção literária e identidades culturais: estudos de literatura comparada**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1997.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

BITTENCOURT, Gilda; MASINA, Lea; SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). **Geografias literárias e culturais: espaços/temporalidades**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2003.

CARDOSO, Luís. **Crônica de uma travessia – A época do ai-dik-funam**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

\_\_\_\_\_. **Olhos de Coruja, Olhos de Gato Bravo**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.

\_\_\_\_\_. **A última morte do Coronel Santiago**. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

\_\_\_\_\_. **Requiem Para um Navegador Solitário**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006.

\_\_\_\_\_. **Entrevista concedida à RFI, durante o Encontro de Escritores Ibéricos**, ocorrido em Paris. Pode ser conferida através do site: [http://www.rfi.fr/actubr/articles/071/emission\\_186.asp](http://www.rfi.fr/actubr/articles/071/emission_186.asp): Disponível em: 12 nov. 2010.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

CUNHA, João Solano Carneiro da. **A questão de Timor-Leste: origens e evolução**. Brasília: FUNAG/IRBR, 2001.

DUARTE, Jorge Barros. **Timor: ritos e mitos Ataúros**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ESPERANÇA, João Paulo T. **Camões – Notícias**. Boletim do Centro de Língua Portuguesa/ Instituto Camões, nº1, Nov. 2003. Disponível em [http://webzoom.freewebs.com/jpesperanca/lusofonia\\_Parte\\_3.pdf](http://webzoom.freewebs.com/jpesperanca/lusofonia_Parte_3.pdf). Último



acesso em: 03 de Nov. 2009.

\_\_\_\_. **Rituais e Figuras do Fantástico em Timor.** Ópio – Revista da Associação de Estudantes de Faculdades de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1996, p.22-23 – Disponível em:

<http://webzoom.freewebs.com/jpesperanca/Timor%20e%20cultura/fantastico.pdf>  
f. Último acesso em: 12 nov. 2003.

FORGANES, Rosel. **Queimado queimado, mas agora nosso!: Timor, das cinzas à liberdade.** São Paulo: Labortexto Editorial: 2002.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HANCIAU, N. T. J. . **O conceito de entre-lugar e as literaturas americanas no feminino.** In: Zilá Bernd. (Org.). Americanidade e transferências culturais. 1 ed. Porto Alegre: Editora Movimento, 2003, v. 1, p. 102-119.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: teoria, história, ficção.** Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JURQUET, Jacques. **Timor: os senhores da morte.** Porto: Campos das Letras,

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARCOS, Artur. **Timor Timorense com suas línguas, literaturas, lusofonia.**

Lisboa: Colibri, 1995.

MIELIETINSKY, E. M. **A poética do mito**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

MONFARDINI, Adriana. **O Mito e a Literatura. Terra roxa e outras terras** - Revista de Estudos Literários, Volume 5, 2005. Disponível em <http://www.uel.br/ch/pos/letras/terraroxa> Último acesso em: 12 nov. 2009.

PORTO, Maria Bernadette. **Negociações identitárias e estratégias de sobrevivência em textos das migrações**. In: BERND, Zilá. Americanidade e transferências culturais. Porto Alegre: Editora Movimento, 2003.

REVEZ, José. **Timor Leste: rostos de esperança**. Lisboa: Gradiva, 2001.

RICOEUR, Paul. **Mundo do texto e mundo do leitor**. In: Tempo e Narrativa. Campinas: Papyrus, 1997. Volume III.

SAÏD, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Fora do lugar: memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Paródia, Paráfrase & Cia**. São Paulo: Ática, 1985.

SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. **Hibridismo e Tradução Cultural em**

**Bhabha.** In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org) Margens da Cultura: mestiçagem, hibridismo & outras culturas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004 (p. 113-133).

TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. **Unidade e Pluralidade do Mundo Pós-Moderno: Notas sobre a Transição do Novo Século.** In: MASINA, Lea; BITENCOURT, Gilda; SCHMIDT, Rita Terezinha (org.). Geografias Literárias e Culturais: espaços/temporalidades. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

WALDMAN, Maurício. **Brava gente de Timor: a saga do povo Maubere.** São Paulo: Xamã, 1997.